



“Questão Social, Pandemia e Serviço Social: em defesa da vida e de uma educação emancipadora”

Eixo temático: Trabalho, Questão Social e Serviço Social

Sub-eixo: Trabalho, direitos e lutas de classes

O SER SOCIAL EM SEU MODO DE VIDA:

Divisão do trabalho e a cultura

MARIA CLARA PEREIRA SOARES ¹

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo relacionar o modo de vida, trabalho e cultura, como elementos vivenciados pelas relações sociais, trazendo sua totalidade e aspectos da consciência na necessidade da produção de cultura. Entender o trabalho em seu processo de acumulação do capital, no sistema de exploração dos trabalhadores, um elemento do cotidiano do modo de vida da classe trabalhadora, que com o excesso e precarização das relações de trabalho, não usufrui da arte e cultura e não desenvolvem suas aptidões. Compreender também como a alienação através de suas ideologias contibuem para a manutenção dessa ordem.

Palavras-chave: modo de vida; cultura; trabalho; consciencia; ideologia

Abstract: The present work aims to relate the way of life, work and culture, as elements experienced by social relations, bringing their totality and aspects of consciousness in the need for the production of culture. Understanding work in its

¹ Estudante de Pós-Graduação. Pontifca Universidade Catolica De São Paulo

process of capital accumulation, in the system of exploitation of workers, an element of the daily life of the working class, which, with the excess and precariousness of work relations, does not enjoy art and culture and does not develop your skills. Also understand how alienation through of your ideologies contributes to the maintenance of this order.

Keywords: way of life; culture; job; conscience; ideology

1. INTRODUÇÃO

O modo de vida do ser social moderno consiste em trabalho, classes sociais e luta diária, o que confere relevância aos conceitos trazidos e relacionados aqui; primeiro por que o modo de vida tem bases materiais, ninguém vive abstratamente e nessas bases materiais, hoje existentes, está a divisão social do trabalho. Nessa divisão social do trabalho, se encontram algumas dimensões determinantes no processo de precarização do trabalho, assim como a divisão étnico-racial, sexual e geracional do trabalho.

Essa relação não está no abstrato e sim no cotidiano humano. Quando abordamos modo de vida, nos referimos aos costumes da vida em sociedade, vividos pelo ser social que conceituamos aqui como os indivíduos em coletivo. Portanto, a relação do ser social e o modo de vida é quase intrínseco por entender que um é reflexo do outro.

A divisão social do trabalho, determina a classe que vive o indivíduo e se é possuidor ou não de riquezas, pois a propriedade privada é o eixo do sistema que funciona por essa divisão, ou seja, a propriedade privada dos meios de produção é apropriada pela classe dominante, a burguesia, ao explorar a força de trabalho humano, portanto, é da classe trabalhadora de onde se extrai valor e mais valor, sendo a força de trabalho a mercadoria primeira para o capital. Decorre disso, a alienação, os trabalhadores não se reconhecem no processo e no produto de seu trabalho, posto que a burguesia se apropria privadamente do trabalho social e coletivamente desenvolvido pela classe trabalhadora, sendo a consciência um produto social, fundamental para entender os processos ideológicos da vida real.

Neste artigo abordaremos as relações do ser social a partir da formação da sociedade - seus meios de produção e relações de classes – e como o processo de consciência permeia nessas vivências, principalmente na cultura, através de suas linguagens.

2. SER SOCIAL E DIVISÃO DO TRABALHO

O problema do modo de vida que nos mostra, mais claramente do que qualquer outra coisa, em que medida um indivíduo isolado se mostra ser o objeto dos acontecimentos e não o seu sujeito. O modo de vida, isto é, o meio ambiente e os hábitos cotidianos, elabora-se mais ainda do que a economia, “nas costas das pessoas” (expressão de Marx.) A criação consciente no domínio do modo de vida ocupou um lugar insignificante na história da humanidade. O modo de vida é a soma das experiências desorganizadas dos indivíduos; transforma-se de maneira de todo espontânea sob influência da técnica ou das lutas revolucionárias e, no total, reflete muito mais o passado da sociedade do que seu presente. (TROTSKY, 2009, p. 29)

“A história de todas as sociedades até agora tem sido a história das lutas de classes.” (MARX; ENGELS, 2017, p. 14). Partimos dessa frase pra discorrer o desenvolvimento da sociedade até hoje. O ser humano é um ser social que precisa de uma sociabilidade e convívio entre si. Fazendo isso, através da linguagem, o ser social constrói suas experiências, relações, e suas aptidões, dentro de um contexto, na mistura da natureza e o homem.

O ser humano em sociedade transforma a natureza de acordo com as suas necessidades. Esse processo de transformação, chamamos de *trabalho*. Uma categoria que tem fundamentalmente 3 características, segundo Netto e Braz (2008): a instrumentalidade da ação do trabalho expressa para seu desenvolvimento; a exigência de habilidades através do conhecimento e por último, o atendimento das necessidades cotidianas do ser social e conseqüentemente o surgimento de novas necessidades humanas.

No trabalho existe uma mediação entre o sujeito, aquele que executa, e o objeto, a matéria prima, essa mediação é posta pelos instrumentos. Esses instrumentos são resultados do próprio sujeito trabalhador, pois a natureza não os fornecem. Podemos chamá-los de idealizações. Portanto, o trabalhador, através de sua subjetividade, ao executar o trabalho, se antecipa e idealiza a forma adequada de realizar o produto do trabalho. Nesse processo acontece, pela ação desse sujeito, a transformação material da natureza, resultando assim, a partir do trabalho, a objetivação desse sujeito.

O trabalho implica, pois, um movimento indissociável em dois planos: num plano *subjetivo* (pois a prefiguração se processa no âmbito do sujeito) e num plano *objetivo* (que resulta na transformação material da natureza); assim, a realização do trabalho constitui uma **objetivação** do sujeito que o efetua. (NETTO; BRAZ, 2008, p. 32)

Netto e Braz (2008), também definem que o ser social passa por outras objetivações, além do trabalho. Eles conceituam como *práxis*, sendo a práxis toda atividade humana e seu modelo, o trabalho, como prioridade ontológica de todas as categorias. Segundo os autores a práxis pode ser dividida em duas formas: para *o controle e a exploração da natureza* e a outra para *influir no comportamento e a ação dos homens*.

A práxis no comportamento e ação dos homens é direcionada na subjetividade dos homens e mulheres, se relacionando com a arte, a ciência, a filosofia, ou seja, com os elementos dos ideais. Portanto, “o homem é produto e criação da sua auto-atividade, ele é o que (se) fez e (se) faz.” (Netto; Braz, 2008)

Por outro lado, a práxis de controle e exploração faz com que os sujeitos não se reconheçam e nem reconheçam as objetivações como suas próprias criações. Invertendo assim, os papéis entre o sujeito e objeto, o ser social, passa pelo processo histórico de alienação. Essa alienação é fruto da divisão social do trabalho e do desenvolvimento da propriedade privada.

As sociedades primitivas estabeleciam relações e tarefas de acordo com a dinâmica social, pelas suas necessidades, sentidas por aquele momento. A divisão social do trabalho surge a partir do momento que a dinâmica social se divide em classes, essa divisão das classes ocorre a partir que se instaura o excedente econômico - assim surge a classe dominante e dominada, a exploração da força de trabalho, a produção de valor e mais valor, e a propriedade privada dos meios de produção.

São vários os modelos econômicos de funcionamento das sociedades: a monarquia, o feudalismo e até hoje com a consolidação do capitalismo moderno. Essas diversas formas determinam a relação dos indivíduos entre si e a sociedade.

A propriedade no estágio tribal é aquela que sua população vive da caça e da pesca e as tarefas divididas de acordo com as necessidades coletivas. No estágio da propriedade comunal, do Estado, em que a população preserva a associação como forma de convivência, mas permanece a exploração em forma de escravidão. Os escravos trabalham e os cidadãos exercem o poder.

Posteriormente, no estágio da propriedade feudal, não existe mais escravizados, e sim camponeses submetidos a servidão, na hierarquia existia o poder nas mãos da nobreza e os servos seus submissos. A propriedade nesse estágio é a fundiária. Avança-se assim

para o estágio da propriedade privada em forma de capital manufatureiro e após, o moderno. Nesse estágio, a base de produção é o comércio e a troca, o desenvolvimento da indústria, os impostos, a concorrência de mercado e a exploração de uma classe sobre outra. Mas é importante destacar, nem todos os países em sua evolução histórica vivenciou essa escalada de estágios, dependeu de seu próprio desenvolvimento e dinâmica.

3. MODO DE VIDA E A PROPRIEDADE PRIVADA

A propriedade privada, propriamente dita, começa, entre os povos antigos como entre os modernos, com a propriedade mobiliária. – (escravatura e comunidade). Entre os povos que emergem da Idade Média, a propriedade tribal evolui então passando por estágios diferentes – propriedade fundiária feudal, propriedade mobiliária corporativa, capital manufatureiro – até chegar ao capital moderno, condicionado pela grande indústria e pela concorrência universal, que representa a propriedade no estado puro, despojada de todo aspecto de coletivo e tendo excluído toda ação do estado sobre o desenvolvimento da propriedade. (MARX; ENGELS, 2007, p. 73)

Nesse estágio, a cidade e o campo se opõem, avança o desenvolvimento da cidade e a maior parte da produção no território é concentrada em um dos pólos, a cidade.

A oposição entre cidade e o campo só pode existir no âmbito da propriedade privada. Ela é a expressão mais flagrante da subordinação do indivíduo a divisão do trabalho, a uma determinada atividade que lhe é imposta. Esta subordinação faz de um indivíduo um animal das cidades e do outro um animal dos campos, tanto um quanto outro limitados, e faz renascer a cada dia a oposição de interesses entre as duas partes. (MARX; ENGELS, 2007, p. 55)

Portanto, a propriedade privada tem impacto direto na construção de um modo de vida de uma determinada sociedade. Quem controla os meios de produção, são possuidores do poder. A burguesia, por exemplo, se utiliza desse privilégio, possuidora não só do controle econômico, da propriedade privada e dos meios de produção, é também dominante do nível cultural estabelecido na sociedade e nas demais classes.

É por isso que a práxis e os processos de subjetivação dos homens e mulheres se dão de forma desigual em uma sociedade que tem base a alienação. Pois, o desenvolvimento humano só se torna pleno, apenas para um punhado de indivíduos.

Ou seja: até hoje, o desenvolvimento do ser social jamais se expressou como o igual desenvolvimento da humanização de todos os homens; ao contrário: até nossos dias, o preço do desenvolvimento do ser social tem sido uma humanização extremamente desigual – ou, dito de outra maneira: até hoje, o processo de humanização tem custado o sacrifício da maioria dos homens. Somente numa sociedade que supere a divisão social do trabalho e a propriedade privada dos meios de produção fundamentais pode-se pensar que todas as possibilidades do desenvolvimento do ser social se tornem acessíveis a todos os homens. (NETTO; BRAZ, 2008, p. 46)

A base da classe burguesa, é o desenvolvimento do capital, o lucro, o controle do modo de produção, assim como da propriedade privada. Promove o antagonismo entre as classes – a exploração da burguesia sobre o proletariado em todas esferas: econômica, social, política e cultural.

Será necessária inteligência tão profunda para entender que, com a mudança das condições de vida das pessoas, das suas relações sociais, de sua existência social, também se modificam suas representações, concepções e conceitos, em suma, também sua consciência? O que demonstra a história das ideias senão que a produção intelectual se transforma com a produção material? (MARX; ENGELS, 2008, p. 42)

Desde o seu surgimento – a classe burguesa, demandava os intelectuais e pensadores a seu serviço para elaborarem uma política que eles diziam ser a “razão”.

O conhecimento sempre esteve a serviço da classe dominante, a produção do conhecimento, assim como o estudo e as pesquisas, se concentram nas mãos da burguesia. A hegemonia da cultura européia tornou o centro dos costumes mundial. As culturas dominadas, colonizadas, sofreram apagamento e exclusão.

A incorporação de tão diversas e heterogêneas histórias culturais a um único mundo dominado pela Europa, significou para esse mundo uma configuração cultural, intelectual, em suma intersubjetiva, equivalente à articulação de todas as formas de controle do trabalho em torno do capital, para estabelecer o capitalismo mundial. Com efeito, todas as experiências, histórias, recursos e produtos culturais terminaram também articulados numa só ordem cultural global em torno da hegemonia européia ou ocidental. Em outras palavras, como parte do novo padrão de poder mundial, a Europa também concentrou sob sua hegemonia o controle de

todas as formas de controle da subjetividade, da cultura, e em especial do conhecimento, da produção do conhecimento. (QUIJANO, 2005, p. 121)

“As ideias dominantes de uma época sempre foram as ideias da classe dominante.” (Marx; Engels, 2008, p. 48). Em outras palavras: a classe que tem o poder *material* dominante, numa determinada sociedade, é também o poder *espiritual* dominante. (ENGELS; MARX, 2001, p.32). Clovis Moura falava que “a dominação cultural acompanhou a dominação social e econômica” (2020 p. 243) quando discorria sobre o domínio das manifestações culturais da população negra no fim da escravidão no Brasil. Partindo desta premissa, a classe e suas instituições que detém o controle social de uma época e sociedade, controla também seus costumes e vivências, portanto, seu modo de vida.

Trotsky explica que o século 18 francês é chamado de o Século das Luzes, onde os filósofos burgueses estudavam os modos de vida individual e social, tentando racionalizá-los e esse processo ajudou a elevar o nível cultural dos indivíduos da classe burguesa.

No entanto, todos os esforços da filosofia das Luzes para racionalizar, isto é, para reconstruir segundo as leis da razão as relações sociais e individuais, apoiavam-se na propriedade privada dos meios de produção, que devia constituir a pedra angular da nova sociedade fundada na razão ponto a propriedade privada significa ao mercado, o jogo cego das forças econômicas, não dirigidas pela “razão” (TROTSKY, 2009, p. 32)

Aqui o autor deixa explícito os interesses burgueses em elevar os níveis culturais e intelectuais de sua classe, deixando seu estudo totalmente limitado referente às massas populares. Trotsky completa: “não se pode racionalizar o modo de vida, isto é, transformá-lo segundo as exigências da razão, se não se racionaliza a produção, visto que o modo de vida tem suas raízes na economia”. (TROTSKY, 2009, p. 33)

O modo de vida tem raízes na economia pelo fato que as relações sociais participam do desenvolvimento de suas forças produtivas. Na medida em que a humanidade cria as próprias condições materiais para a superação das forças produtivas existentes também propõe novas forças produtivas quando veem essas condições materiais concretas. Ou seja,

o modo de vida tem suas raízes também, na produção material da própria vida dos homens e mulheres em sociedade.

Na produção social da própria existência, os homens entram em relações determinadas, necessárias, independentes de sua vontade; essas relações de produção correspondem a um grau determinado de desenvolvimento de suas forças produtivas materiais. A totalidade dessas relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se eleva uma superestrutura jurídica e política e à qual correspondem formas sociais determinadas de consciência. O modo de produção da vida material condiciona o processo de vida social, política e intelectual. (MARX, K. 2008, p. 47)

Portanto, faz-se necessário a derrubada dessas barreiras econômicas, o que significa o fim da exploração e das opressões; a construção de uma educação de qualidade; o fim da desigualdade social, do trabalho alienado, explorado, da propriedade privada dos meios de produção, do fim das classes sociais, destruição do Estado, para que possamos construir um modo de vida que permita elevar o nível cultural da classe trabalhadora para uma cultura sem classes e humana, de supressão positiva da ordem capitalista. Se a sociedade avança nessa perspectiva caminhamos também para uma racionalização da produção e conseqüentemente da economia pela auto-organização dos indivíduos sociais livremente associados na direção de uma sociabilidade emancipada, igualitária e libertária.

O modo de vida, a relação com o trabalho e a cultura determinam o bem-estar da população. A jornada de trabalho expressa como um trabalhador vive em sociedade, por exemplo, na Rússia após o processo revolucionário proletário de 1917, houve avanço importante na redução da jornada de trabalho para 8 horas, pois na época se trabalhavam 12 horas ou mais por dia. Hoje ainda é preciso avançar mais, visto que o desenvolvimento da indústria e principalmente dos serviços, cria-se mais empregos e contraditoriamente, cresce também a população desempregada, podendo, nessa diminuição de carga horária de trabalho, empregar mais gente, melhorando as condições de trabalho, assim os trabalhadores, sem baixar seus salários, poderiam usufruir de seu tempo livre para exercer seus desejos e aptidões.

Mas esse desenho, se justifica por uma política consciente da burguesia, que é a manutenção de um exército industrial de reserva, conceituado por Marx (2013) como

“população trabalhadora excedente é um produto necessário da acumulação ou do desenvolvimento da riqueza com base capitalista, essa superpopulação se converte, em contrapartida, em alavanca da acumulação capitalista, e até mesmo numa condição de existência do modo de produção capitalista.” (MARX, 2013, p. 462)

Em meados da década de 70 com a grande crise estrutural do capital, com profunda recessão, altas taxas de inflação, queda tendencial das taxas de lucro. O capitalismo, mundialmente para retomar seu crescimento, estabelece uma resposta à sua própria crise na esfera da economia com a reestruturação produtiva, no processo de acumulação flexível (Harvey, 1995) que recai na ampliação da superexploração da classe trabalhadora; na esfera do Estado com o neoliberalismo, com contra-reformas (do Estado, trabalhista, previdenciária, educacional) e privatizações que destróem conquistas históricas dos trabalhadores e no âmbito da cultura a investida da chamada “pós-modernidade como uma ideologia (com o irracionalismo, presentismo, negação da história). (ABRAMIDES, 2019).

A teoria do neoliberalismo toma a cena. “A teoria neoliberal estipula que os gastos do Estado com políticas sociais e de atendimento às reivindicações por melhores condições de vida e de trabalho, fruto de lutas operárias e dos sindicatos, precisam ser contidos drasticamente para bloquear a crise capitalista.” (ABRAMIDES, 2019)

No Brasil após a ditadura militar, houve uma grande aceleração industrial, crescendo a capacidade produtiva da indústria brasileira e a formação de uma nova classe trabalhadora, saída da roça, ferrovias e portos, fortalecendo grandes centros fabris, tendo todo esse processo baseado nas políticas de países imperialistas através de suas multinacionais.

Com a nova ordem mundial, o neoliberalismo surge com uma nova divisão mundial do trabalho. Godeiro (2016) cita três características:

1. A restauração capitalista, que jogou mais de 1 bilhão de novos trabalhadores no mercado mundial, especialmente os chineses, e abriu uma nova fronteira para o domínio dos bancos e multinacionais; 2. Um aumento brutal da exploração da classe trabalhadora mundial, com a terceirização e a piora das condições de vida e

trabalho, com um rebaixamento geral de salário; 3. Uma recolonização do mundo, uma nova redivisão de áreas dominadas – coloniais e semicoloniais - entre os cinco principais países imperialistas, agora sob domínio direto das suas multinacionais, que dividiu o mundo em “cadeias de valor global”, produção mundializada na qual o controle permanece nas metrópoles, enquanto a produção foi terceirizada pelos países pobres. (GODEIRO, 2016, p. 70)

Com o desenvolvimento do capitalismo neoliberal, rebaixou o nível das condições de vida dos trabalhadores, os empregos ficaram mais flexíveis e todas as conquistas trabalhistas ameaçadas. Os trabalhos ficam mais instáveis e é preciso cada vez mais trabalhar mais horas para receber um valor que pague suas despesas, minimamente. Sem contar as horas utilizadas nos transportes para chegar ao trabalho e na sua volta.

No que concerne a jornada de 8 horas é uma conquista direta da revolução, e das mais importantes. Em si mesmo, este fato provoca uma mudança fundamental da vida do operário e 2/3 da jornada de trabalho. Cria-se assim uma base para transformações radicais no modo de vida, para melhorar a forma de viver, desenvolver a educação coletiva etc., mas se trata apenas de uma base. Quanto mais o tempo de trabalho seja utilizado com consciência, mas a vida do operário se organizará de forma completa e inteligente. (TROTSKY, 2009, p. 35)

Outro problema que surge é o processo de consciência. O trabalho consciente emancipa, mas Trotsky, em seu texto, fala de um Estado operário, onde antes se trabalhava 12h, e com a revolução socialista reduziu a jornada. “Oito horas de trabalho, oito horas de repouso, oito horas de liberdade” – proclama a velha fórmula do movimento operário.” (TROTSKY, 2009, p. 35). Trouxemos essa experiência do século 20, como um legado para as lutas da classe trabalhadora na perspectiva de um tempo de *revolução social*, posto, que como nos alertava Rosa de Luxemburgo o modo de produção capitalista pode nos impulsionar ao *Socialismo ou instaurar a barbárie*. A barbárie já está instaurada na quadra contemporânea do capitalismo em decomposição, mas hegemônico no plano internacional. Queremos, neste momento, tratar o processo atual de desenvolvimento imperialista e das novas relações de trabalho.

A produção das ideias, das representações e da consciência está, a princípio, direta e intimamente à atividade material e ao comércio material dos homens; ela é a linguagem da vida real. As representações, o pensamento, o comércio intelectual dos homens aparecem aqui ainda na ação direta de seu comportamento material. O mesmo acontece com a produção intelectual tal como se apresenta na linguagem da política, na das leis, da moral, da religião, da metafísica etc. de todo um povo. (MARX; ENGELS, 2007, p.18)

4. CONSCIÊNCIA E CULTURA

Retomando a Clovis Moura, as experiências trazidas do processo de escravidão do Brasil, e o papel da linguagem na dominação dos escravizados, demonstra que por muito tempo e até hoje, nossa cultura é moldada de forma ideológica, sobre nossas vidas e como conduzimos nossos comportamentos. Quando o autor retrata que o escravo “não podia exprimir um pensamento crítico em relação à realidade existente.” E hoje ao mesmo tempo nossas falas são podadas, assim como nossas escritas silenciadas, vivemos uma lembrança desse passado.

A passagem do africano boçal a ladino implica toda uma estratégia cultural de adaptação não apenas linguística, mas social, na medida em que abre para ele a possibilidade de inteirar-se do universo do senhor dos seus valores luz e do seu poder por intermédio da língua que lhe é transmitida, com palavras carregadas de significado ideológico. (MOURA, 2020, p. 259)

Portanto, hoje quando utilizamos diversas ferramentas de comunicação, assim como a literatura, a arte, para descrever sobre nosso cotidiano, sobre nossas pautas e de forma reivindicatória em suas expressões na luta de classes, estamos quebrando um status quo, quebrando o controle do pensamento dominante e o controle econômico que provoca o antagonismo e desigualdades entre as classes sociais em todas as esferas da vida.

Podemos dizer mesmo que o negro escravo, ao se desinibir da camisa de força ritualística da linguagem imposta pelo senhor, a qual o obrigava a um código de linguagem passivo e apenas concordante, expandia-se em manifestações coletivas de libertação simbólica por meio da palavra e da música. Até hoje, isto é visível nos descendentes de escravos que compõem a população negra no Brasil. (MOURA, 2020, p. 266.)

Marx e Engels (2001) entendem a realidade com três pontos que norteiam as relações humanas entre si e as relações humanas com a natureza. O primeiro ponto é a produção dos meios que satisfaz as necessidades dos homens, para manter os homens

com vida, que para antes viver é preciso se manter, ou seja, a produção da própria vida material, os homens para satisfazer suas necessidades, fazem uso das *forças produtivas* para atingir tais fins.

A maneira como os homens produzem seus meios de existência depende, antes de mais nada, da natureza dos meios de existência já encontrados e que eles precisam reproduzir. Não se deve considerar esse modo de produção sob esse único ponto de vista, ou seja, enquanto reprodução da existência física dos indivíduos. Ao contrário, ele representa, já, um modo determinado da atividade desses indivíduos, uma maneira determinada de manifestar sua vida, um *modo de vida* determinado. A maneira como os indivíduos manifestam sua vida reflete exatamente o que eles são. (MARX; ENGELS, 2001, p. 11)

O segundo ponto é a capacidade de satisfazer essas necessidades e levar a surgir mais necessidades, o que também podemos chamar, segundo Marx, de *estado social*.

E o terceiro é a reprodução e criação de outros homens, fazendo parte de um desenvolvimento histórico, isto é, toda essa reprodução em meio a um modo de produção que se liga diretamente as formas e concepções de construção histórica. Com a reprodução, geram novas necessidades e novas relações sociais.

Disso decorre que o modo de produção ou um estágio industrial determinados estão constantemente ligados a um modo de cooperação ou a um estágio social determinados, e que esse modo de cooperação é, ele próprio, uma "força produtiva"; decorre igualmente que a massa das forças produtivas acessíveis aos homens determina o estado social, e que se deve por conseguinte estudar e elaborar incessantemente a "história dos homens" em conexão com a história da indústria e das trocas." (MARX; ENGELS, 2001, p. 23)

Os autores explicam que essa força produtiva determina o estado social, relacionando a história do homem, da indústria e das trocas, criando uma dependência material entre elas, referente às necessidades e ao modo de produção. Ou seja, a história só existe com a materialidade pois as necessidades para manter a vida de cada indivíduo e sociedade, são materiais.

A partir desses elementos, Marx e Engels consideram que o homem tem consciência, mas não é uma essência, nem pura, a consciência é em forma de linguagem. A linguagem é a consciência real, está no cotidiano dos indivíduos e essa linguagem está na prática das relações entre os homens, é uma necessidade.

A nossa consciência é fruto das relações sociais, o que nos torna existentes. Tomar consciência é perceber alguma coisa. A consciência é determinada pelo processo de vida real do ser humano. Da consciência é possível extrair as ideologias. Se na consciência tomamos conhecimento da nossa realidade real e material, a ideologia pode causar um movimento inverso no processo de consciência, tendo sua vida distorcida, pois a ação que foi realizada é diferente do que é vivido, mas o impacto dessa ação é coerente com o que é pensado, idealizado, embora, de fato não é a materialização da vida real.

Quando Marx e Engels nos chamam a atenção que a questão de saber se uma representação corresponde ou não à realidade é uma questão prática e não um mero problema do cognitivo, estão alertando para este aspecto. A questão da ideologia não é um mero desvio cognitivo que um sistema epistemológico adequado pode corrigir, o aspecto central da questão é sua função, isto é, **que papel representa nas relações reais assumidas pelos seres humanos na produção social de suas vidas e, principalmente, nas relações entre os seres humanos**. Estamos convencidos que na sua forma original, em Marx e Engels, a ideologia se diferencia essencialmente da consciência social por uma particularidade bem definida em sua função e esta só pode ser compreendida pela natureza particular das relações sociais que constituem a ordem das mercadorias e, depois, das classes sociais. (IASI, M. 2015, p. 09) (negritos nossos)

Portanto a consciência só existe porque existe o homem, ela é um produto social. E por isso se diferencia dos animais, pois o instinto humano é um instinto consciente.

Em outras palavras, não partimos do que os homens dizem, imaginam e representam, tampouco do que eles são nas palavras, no pensamento, na imaginação e na representação dos outros, para depois chegar aos homens de carne e osso; mas partimos dos homens em sua atividade real, é a partir de seu processo de vida real que representamos também o desenvolvimento dos reflexos e das repercussões ideológicas desse processo vital. E mesmo as fantasmagorias existentes no cérebro humano são sublimações resultantes necessariamente do processo de sua vida material, que podemos constatar empiricamente e que repousa em bases materiais." (MARX; ENGELS, 2001, p. 19)

Esses conceitos são relevantes para entender a dinâmica social e para análise da realidade, como partida de alguns métodos. Os conceitos apresentados concordam que a

prática é o princípio das relações, mas nunca esquecendo de abordar em sua totalidade.

Na atual conjuntura de enfrentamentos de classes, um elemento fundamental para a construção da concepção marxiana, é que através destes confrontos é possível ter uma análise mais aprofundada dentro da realidade e das partes.

Pouco importa, aliás, o que a consciência empreende isoladamente; toda essa podridão só nos dá um resultado: esses 3 momentos - a força produtiva, o estado social e a consciência - podem e devem entrar em conflito entre si, pois, pela *divisão do trabalho*, torna-se possível, ou melhor acontece efetivamente que a atividade intelectual e a atividade material - gozo e o trabalho, a produção e o consumo - acabam sendo destinados ainda em indivíduos diferentes; então, a possibilidade de esses elementos não entrarem em conflito reside unicamente no fato de se abolir novamente a divisão do trabalho. (MARX; ENGELS, 2001, p. 27)

Portanto, esse método dialético ajuda a entender a cultura, não só de maneira apaixonada e idealista, e sim, como elemento histórico e social, dinâmico dentro de uma historicidade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ser social não é essência, só entendendo o ser e o seu contexto inserido na teia das relações sociais de produção e reprodução da vida é que podemos compreendê-lo. E qualquer produção, reprodução vinda do ser social só acontece por conta dessas relações humanas e sociais, que implicam no modo de vida, da organização social, nos modos de produção e da posição social desse ser na sociedade.

Quando abordamos cultura, estamos falando de suas linguagens, a arte, literatura

etc. Mas como cultura também faz parte do modo de vida de um ser, a necessidade de abordar o funcionamento da sociedade é primordial. Um ser que tem seu cotidiano perpassado pela opressão e exploração do sistema capitalista; onde seu trabalho é a atividade principal do seu dia e o restante do tempo serve para preparar o dia seguinte e o cuidado de outras pessoas, dele dependente, é um indivíduo da classe trabalhadora, despossuído de herança e riqueza material, assim como, é alguém que vive em coletivo mas não usufrui de suas habilidades e aptidões naturais que possam ser desenvolvidas no seio da sociedade e sirva para si, como para a vivência em sociabilidade.

Uma mulher trabalhadora, nos dias atuais, mãe e negra, vai passar por vários obstáculos no dia a dia para sobreviver, numa contramão de quem é o inverso dela. Vai e volta do seu trabalho, que dura, oito horas por dia; no transporte fica três horas diária; chega em casa e faz comida e cuida dos filhos. E em todo esse percurso sofre assédio moral no trabalho e sexual no transporte. Em que momento essa mulher, que adora cantar, tem uma potência de voz, pode utilizar esse gosto para si e talvez para os demais que possam apreciar?

Entender as estruturas das sociedades, desde seu surgimento e por que se tornaram como hoje são, é entender a história da formação dos indivíduos e como se relacionam. Saber que a propriedade privada é o elemento que faz esta mulher, acima mencionada, viva toda uma vida para dar lucro a seu patrão, e que reproduz mais indivíduos futuros – filhos - para serem mais força de trabalho lucrativa para esses herdeiros é perceber que todo o processo consciente ideológico é importante para estremecer essas estruturas. É se reconhecer como produto dessa divisão social, étnico-racial, sexual do trabalho e se enxergar como um indivíduo em sociedade que produz cultura e conhecimento, para caminhar, enquanto classe trabalhadora para a emancipação humana e a destruição desse modo de vida de barbárie capitalista empurrados para todos nós desprovidos de bens materiais, mas ricos em cultura.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

ABRAMIDES, B. **O Projeto Ético-Político do Serviço Social Brasileiro: Ruptura com o Conservadorismo**. São Paulo: Cortez Editora, 2019.

GODEIRO, N. **Neodesenvolvimentismo ou Neolonialismo. O mito do Brasil Imperialista**. São Paulo: Sundermman, 2016

IASI, M. Alienação e ideologia: a carne real das abstrações ideais. **In Marx e o Marxismo 2015: insurreições, passado e presente**. Rio de Janeiro: UFF, 2015.

LUPI, B. Agitprop: uma cultura política vivida. **In Agitprop: cultura politica**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

MARX, K. **Contribuição à crítica da economia política**; tradução e introdução de Florestan Fernandes. 2ºed. São Paulo: Expressão Popular, 2008

_____. **O capital: critica da economia politica**. Livro 1: o processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2013.

_____; ENGELS, F. **A ideologia Alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____; ENGELS, F. **Manifesto do Partido Comunista**. 3ºed. São Paulo: Sundermann, 2017.

MOURA, C. **Dialética radical do Brasil negro**. São Paulo: Anita Garibaldi, 2020.

NETTO, J; BRAZ, M. **Economia política: uma introdução crítica**. São Pauo: Cortez, 2008

QUIJANO, A. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina.** *In A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas.* CLACSO, 2005.

TROTSKY, Leon. **Questões do modo de vida. A moral deles e a nossa.** São Paulo: Sundermann, 2009.

TROTSKY. Leon. **Literatura e Revolução.** Rio de Janeiro: Jorge Zarar Ed., 2007.